

# Análise de Discurso

## Roteiro sugerido para a elaboração de trabalho de análise

Sérgio Augusto Freire de Souza

### 1. Escolha do tema

O tema em análise de discurso normalmente envolve alguma inquietação social devendo ser escolhido a partir dos critérios de relevância, tanto social quanto pessoal. Não há problema algum em escolher temas já trabalhados em outras pesquisas. Cada análise vai questionar os dados de uma maneira muito específica, levantando questões próprias. Mesmo que o dispositivo teórico utilizado seja o mesmo (o referencial teórico da AD), o dispositivo analítico de interpretação será sempre construído de forma diferenciada por cada analista.

### 2. Definição e organização do *corpus*

#### 2.1. Identificação dos sujeitos enunciativos pertinentes à questão a ser trabalhada

Uma vez tendo escolhido o tema, deve-se perguntar sobre os sujeitos enunciativos ligados a ele. Quem, de alguma forma, tem algo a dizer (ou a calar) sobre o assunto. Os sujeitos enunciativos aqui referidos podem ser tanto empíricos (pessoas) quanto arquivo (material impresso ou documentos). Quanto mais sujeitos enunciativos forem envolvidos, maior tende a ser o escopo da análise discursiva sobre o tema e maior a probabilidade de aparecerem mais questões de trabalho.

#### 2.2. Coleta de registros

Identificados os enunciativos, o próximo passo é a coleta dos registros. Os registros são os materiais coletados em estado bruto. Trata-se de todo dado de superfície linguística que o pesquisador encontrar ou coletar referente ao assunto. Estão incluídos nesses registros todos os gêneros de textos (escritos e orais, entrevistas, vídeos, desenhos etc.).

### 3. Análise

#### 3.1. Organização dos dados para levantamento de questões de trabalho

Com a coleta dos registros feita, parte-se para a organização dos dados. Os dados já são um movimento na análise. Organizar os dados significa manuseá-los teoricamente, questioná-los. Nesse passo, a envergadura teórica do analista faz diferença. Quanto mais o analista mobilizar o dispositivo teórico, mais facilmente as perguntas de trabalho surgirão e mais consistentemente o dispositivo analítico de interpretação será montado. Jogado o olhar teórico sobre os registros, organizando os dados para tratá-los como fatos, buscar-se-á levantar algumas questões sobre o assunto que se apresentam a partir do subsídio teórico de que dispõe o analista e que ele mobiliza. Quanto mais teoria for mobilizada, maior a probabilidade do surgimento de questões.

#### 3.2. Retorno ao *corpus* para evidenciar as marcas de discurso, segmentar, recortar e analisar.

Definidas as questões de trabalho, o pesquisador deverá retornar ao *corpus* em busca de marcas de discurso que evidenciem e corroborem com suas questões. Buscará na materialidade linguística os exemplos que permitam a localização do discurso pensado e hipotetizado no texto do sujeito da enunciação. É a fase da garimpagem de indícios discursivos no rio de linguagem, da busca por um ponto de entrada no

processo discursivo operado pelo enunciador, que levará a identificação da filiação discursiva e, portanto, ideológica, por meio das imagens construídas e sustentadas no texto.

A leitura do material pode seguir o esquema das três perguntas heurísticas e os procedimentos definidos em Souza (2014):

1. Em torno de que imagem/conceito o texto se articula?
2. Qual é o sentido construído para essa imagem/esse conceito?
3. A que discurso esse sentido se filia?

Assim, do *corpus*, por meio das marcas, o analista segmenta os textos de trabalho e organiza os grupos semânticos, reunindo o conjunto de segmentos que convergem. As segmentações textuais são o objeto empírico do analista. Trata-se aqui das porções do texto retiradas do *corpus* para que sejam trabalhadas teoricamente. Ao mobilizar a teoria na fronteira de contato com os segmentos textuais, organizados em grupos semânticos, o analista se vê na posição de trabalhar os movimentos parafrásticos do recorte. As paráfrases de recorte já são gestos de interpretação do analista. As paráfrases de recorte podem ser representadas por palavras, locuções, ideias. São essas palavras, locuções e ideias que serão utilizadas pelo analista para a escrita da análise dos discursos por meio da inter-relação costurada com e a partir delas.

Com as questões postas, as marcas identificadas, os grupos semânticos organizados, as segmentações feitas e os recortes definidos, se faz necessário analisar. É preciso estender as marcas coletadas às propriedades do discurso, evidenciar seu funcionamento, descrever suas propriedades fundamentais. É quando se passa do discurso às discursividades, que é necessária relação do discurso com o político.

Assim, o movimento de análise segue, normalmente, o seguinte vetor:

CORPUS > MARCAS > GRUPOS SEMÂNTICOS > SEGMENTAÇÃO TEXTUAL  
> PARÁFRASES DE RECORTE > DISCURSOS > DISCURSIVIDADES

Esse procedimento deve ser seguido até que a saturação dos discursos permita o acesso às discursividades.

## 4. A Escrita da Análise

Uma vez concluída, a análise deve ser apresentada por escrito. Portanto, a escrita da análise é fundamental para a exposição dos resultados dos gestos de interpretação do pesquisador. Sugerimos a configuração abaixo para a escrita do texto, sabendo, no entanto, que cada objeto de trabalho poderá requerer uma organização diferenciada.

### 4.1. Contextualização do tema

A primeira parte do trabalho escrito deve apresentar uma contextualização do tema como um tema social. Nesse momento, o leitor do trabalho deve ter a noção de que assunto o texto trata e de qual é a visão social geral desse assunto. É o momento de introdução propriamente dita do tópico ao leitor. Deve ser apresentado o cenário, com a descrição de suas contradições. É o encontro do cenário com as perguntas do pesquisador que constitui o campo de pesquisa.

## 4.2. Referencial teórico: bases teóricas da AD

No item do referencial teórico, o pesquisador deve descrever o dispositivo teórico de interpretação. Aqui o pesquisador buscará explicitar para seu leitor que olhará o tema a partir da ótica da linguagem, mas não da linguagem transparente, asséptica. Deverá explicitar também a perspectiva de linguagem enquanto prática social, explicando que utiliza a AD como referencial de leitura do material e que essa disciplina compreende como fundamental pensar a língua ideologicamente, como histórica, como efeito de sentido entre locutores também históricos. É essa seção que deverá explicitar igualmente a compreensão discursiva de conceitos utilizados para a análise: linguagem, língua, ideologia, posição-sujeito, formação discursiva, formação ideológica, esquecimentos, subjetivação e outros conceitos mobilizados na análise para que o leitor saiba a que esses textos se referem teoricamente no texto.

## 4.3. Apresentação das questões

Feita a contextualização do tema e a explicação a respeito de que ponto de vista será tratado, deverão ser apresentadas ao leitor as questões que balizaram a análise, definidas no passo 3.1 e 3.2. O leitor precisa saber o que questões inquietaram o analista ao partir para seu trabalho de análise e como essas questões o fizeram mobilizar o material de linguagem.

## 4.4. O *corpus* utilizado

O texto é a objeto teórico do discurso. Portanto, é necessário apresentar ao leitor as segmentações no *corpus*, exemplificando os grupos semânticos e as paráfrases de recorte. O material linguístico das segmentações é o material que de fato foi utilizado para sustentar respostas às suas questões.

## 4.5 Apresentação da análise com retorno ao *corpus*

Nesse item, o analista deve descrever sua análise propriamente dita. Deve dizer como, partindo da pergunta que fez e utilizando o *corpus* como suporte, chegou ao funcionamento discursivo e à discursividade presente no campo pesquisado. Mostrar a que FDs as falas se filiam e sustentar isso com um retorno ao *corpus*, citando as marcas que o levaram a chegar às propriedades, às paráfrases de recortes, retiradas do *corpus*.

A descrição do movimento de análise, da leitura flutuante às discursividades é uma questão de estilo pessoal. É necessário, no entanto, que o analista evidencie que a linguagem o levou a análises discursivas por meio de marcas e propriedades.

## 4.6. Conclusão: as considerações finais

Todo texto vem do social e a ele deve voltar. Na conclusão ou considerações finais, o analista apresentará em que sua visão do fato social a partir da análise da linguagem se diferencia da visão padrão presente no imaginário social e apresentada no momento da contextualização. É a isso que chamamos discutir a discursividade. Não se faz análise de discurso sem se questionar o político (as relações de poder), a ética da alteridade (as relações entre os sujeitos) e a estética da existência (como o real se apresenta aos sujeitos). É fundamental discutir as implicações do cenário explicitado para as práticas cotidianas de seu sujeito. A reflexão deve suscitar intervenção qualitativa. É essa uma das funções da ciência engajada com a vida. É possível, então, a partir dessa discussão, apresentar outras questões que surgiram no decorrer da análise e que merecem maior estudo e investigação, não cabendo nessa análise especificamente. Por fim, deve levar o leitor a terminar sua leitura do texto com alguma pergunta a respeito de sua análise que aponte para outras análises.

#### 4.7. Referências

Devem ser incluídas todas as referências feitas no corpo do trabalho escrito, segundo as normas da ABNT ou as normas estabelecidas pelas publicações a que se destina o trabalho.

#### 4.8. Anexos

Quando houver material necessário para a compreensão da análise e esse material for extenso demais para vir no item 4.4., vindo a quebrar o fluxo do texto, ele deve ser apresentado como anexo após as referências.

#### 5. Uma palavra final

Vivemos, na segunda década do século 21, em uma sociedade em que a rede distribuída deve ser pensada como a topologia social. Essa configuração potencializa o respeito pelo direito à existência e à felicidade do outro. Essa é a ética que o discurso mobiliza no seu trabalho de intervenção política por meio da evidenciação na linguagem dos desafios que o estabelecimento dessa rede distribuída e heterárquica enfrenta. Desafios esses que vêm da resistência feroz da topologia das redes centralizadas e hierárquicas. Pela explicitação e pela intervenção política é possível fraturar essa barreira e estabelecer um movimento, um fluxo de mudanças, descongelando e desmobilizando a rigidez das conservas de contato postas pela herança das relações construídas pela modernidade e pela modernidade tardia, que visa manter o *status quo*. A contemplação da estética da felicidade é o objetivo da vida e passa pelo necessário reconhecimento de que vida é relação. Não se consegue pensar discursivamente sem se pensar, portanto, a política, a ética e a estética da existência. Cada um de nós tem uma responsabilidade a partir do nosso lugar de ação. O desafio é descobrir qual. Fazer ciência é isso.

# O processo da produção e da análise do discurso

“Eu sou liberal. Lá em casa não tem essa. Eu **ajudo** em casa.”

SUPERFÍCIE LINGÜÍSTICA

“O MST **invadiu** mais uma fazenda no Pontal do Paranapanema”

- ... **divido o trabalho...**
- ... **cuido das coisas...**
- ...

Aceitar igualdade quanto aos deveres da casa.

> FD MACHISTA

> FI Patriarcal: o papel de *homem e de mulher*

OBJETO DISCURSIVO  
(...w, y ou z)

Esquecimento No. 2

PROCESSO DISCURSIVO  
(As razões do deslizamento)

FORMAÇÃO DISCURSIVA  
(Como os sentidos se organizam)

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA  
(De onde os sentidos vêm)

- ... **ocupou...**
- ... **reinvindicou...**

Posicionar-se em relação à ação.

> FD CONTRÁRIA AOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE OCUPAÇÃO

> FI capitalista. Direito à propriedade privada.

Produção

Esquecimento No. 1

Análise

<p><b>Fase 1: Análise</b>                  Circunscrição do conceito-análise                  Definição do corpus                  Análise e interpretação em batimento: perguntas heurísticas</p>
<p><b>Fase 2: A escrita da análise</b>                  Caracterização da análise                  Explicitação do DT e do DA                  Relato de análise: descrição e interpretação                  O retorno da análise                  Referências, anexos e apêndices</p>

Quadro 1. Procedimentos metodológicos da AD (SOUZA, 2014, p. 22 e p. 41)